

RENCONTRO
literatura

Arthur Conan Doyle

**O cão dos
Baskervilles**

Adaptação de

Telma Guimarães Castro Andrade

Ilustrações de

Cássio Lima



editora scipione

SUMÁRIO

<i>Quem foi Arthur Conan Doyle?</i>	5
I. O detetive Sherlock Holmes	7
II. A maldição da família Baskerville	12
III. Um problema difícil de resolver	19
IV. Henry Baskerville	23
V. Um inimigo inteligente	27
VI. A mansão Baskerville	33
VII. O casal Stapleton	37
VIII. O primeiro relatório para Sherlock Holmes ...	46
IX. Uma luz no pântano	51
X. Trechos do diário de Watson	59
XI. Laura Lyons	63
XII. O homem misterioso	66
XIII. O fio da meada	69
XVI. Uma desgraça no pântano	74
XV. A armadilha	78
XVI. O cão dos Baskervilles	84
XVII. Atrás do criminoso	88
XVIII. Retrospecto	92
<i>Quem é Telma Guimarães Castro Andrade?</i>	99

QUEM FOI ARTHUR CONAN DOYLE?

Arthur Conan Doyle nasceu em 1859, em Edimburgo, Escócia, onde estudou medicina. Tornou-se médico a bordo de um baleeiro e viajou pelo Oeste africano. Sem clientela, foi levado pela necessidade financeira a escrever romances policiais, segundo os modelos de Gaborian e de alguns contos de Edgar Allan Poe. O escritor obteve tanto êxito que acabou abandonando a medicina em 1891.

Conan Doyle estreou na literatura com *Um estudo em vermelho*, seguido por *O cão dos Baskervilles* e *O signo dos quatro*. Para criar o famoso personagem Sherlock Holmes, inspirou-se em um de seus mestres, o cirurgião Joseph Bell.

Recebeu o título de *sir* em 1902, recompensa por sua atividade como propagandista durante a Guerra dos Bôeres (ocorrida entre 1899 e 1902, na África do Sul). No fim da vida, porém, dedicou-se ao espiritismo e fez inúmeras conferências sobre o assunto. Escreveu também romances não policiais, como *Os refugiados* (1893), *As aventuras do general de brigada Gérard* (1896) e *Sir Nigel* (1906), entre outros.

Sir Arthur Conan Doyle faleceu em Crowborough, Sussex, Inglaterra, em 1930.

Capítulo I

O detetive Sherlock Holmes

Sherlock Holmes gostava de estudar minuciosamente cada caso que aceitava. Passava as noites acordado, debruçado sobre suas anotações. De vez em quando, levantava-se, acendia o cachimbo e colocava-se junto à janela, pensativo.

Naquela manhã de setembro, quando Holmes se levantou, tarde como sempre, eu já estava junto à lareira, terminando de analisar a bengala esquecida pelo visitante da noite anterior.

A bengala era de madeira de boa qualidade. Uma faixa de prata indicava o nome do proprietário, a sua profissão e quem o presenteara:



Era a típica bengala usada pelos médicos de família. Dava-lhes um ar de dignidade, que tranquilizava os pacientes.

Eu estava examinando a inscrição, quando ouvi a voz de Holmes:

— Quais as suas conclusões sobre a bengala, Watson?

— Como sabe o que estou fazendo? — estranhei a pergunta. Afinal, eu estava de costas para o meu amigo detetive.

— O bule de prata à sua frente acabou de revelar — Holmes explicou, dando risada.

Era verdade. O bule, que parecia um espelho, mostrou-me o que eu fazia. Mesmo sem termos visto o convidado, dono da bengala, contei a Holmes as conclusões a que chegara. O visitante tinha esperado pelo nosso retorno, mas desistiu. Por pressa ou esquecimento, acabou deixando a bengala na sala.

— O doutor James Mortimer é um médico de idade avançada, estimado por muita gente — comecei a explicar. — Seus amigos do CC, provavelmente o clube de caça ao qual é filiado, o presentearam com a bengala. A ponta do objeto, já muito gasta, mostra que esse homem vive no interior. Sempre a leva consigo, quando sai para visitar os pacientes. Um médico da cidade não faria isso — concluí.

— Excelente observação! — Holmes exclamou, enquanto levantava-se para vir em minha direção. Ele acendeu seu cachimbo e pegou a bengala. — Você está melhor a cada dia, meu amigo. Mais uma vez, mostrou-me uma luz no fim do túnel. E são tão poucas as pessoas que têm o dom de fazer isso...

Enchi o peito de orgulho. Holmes não era dado a fazer elogios, e as suas palavras fizeram um bem enorme ao meu ego. Eu sempre tentava impressioná-lo, mas fracassava, o que me deixava irritado. Agora, sentia que tinha finalmente dominado a técnica de Sherlock Holmes e, por isso, ganhava a sua aprovação.

O grande detetive continuou a examinar a bengala, desta vez com uma lente convexa, aproveitando a luz mais forte próximo à janela.

— Elementar, meu caro Watson. Isto é realmente interessante — Holmes sentou-se em sua poltrona preferida. — Há uma ou duas pistas na bengala. Posso deduzir várias coisas a partir delas.

“Deixei escapar alguma coisa. Mas o quê?”, fiquei muito intrigado.

Holmes pareceu ler os meus pensamentos e respondeu:

— Parece que deixou escapar muitas coisas, Watson. Suas conclusões erradas estimularam-me a alcançar a verdade. Não que esteja, digamos, completamente equivocado... — Ele tentou se redimir da grosseria, mas já era tarde demais. — James Mortimer é, certamente, um médico do interior.

— Mas então eu estou certo! — respondi.

— Elementar, meu caro Watson. O primeiro erro está nas iniciais. Não acha muito mais lógico que esse médico tenha sido presenteado por uma equipe do hospital em que trabalhava do que por amigos de um clube de caça? CCH deve ser a abreviatura de “centro cirúrgico do hospital”.

— É... talvez — não tinha como discordar. — A que conclusão podemos chegar se CCH quiser dizer “centro cirúrgico do hospital”?

— Não acha que está na hora de aplicar os meus métodos, Watson?

— A única coisa que me ocorre é que o médico pode ter recebido o presente antes de se mudar para outra cidade — arrisquei.

— Pois eu iria mais além. Os amigos podem ter dado a bengala de presente ao médico quando ele deixou o hospital para clinicar por conta própria. Pela forma como escreveram, nosso visitante ainda era jovem. Se fosse um senhor de idade, os termos seriam outros, mais respeitosos. Assim, seu idoso doutor transformou-se num médico estagiário, que deixou esta cidade há cinco anos, levando um presente dos amigos do centro cirúrgico do hospital em que atendia... É só conferir a data na bengala. O doutor James Mortimer não deve ter nem trinta

anos, é muito educado, sem ambição, tem um cachorro e é muito distraído... Ou o fato de ter esquecido a bengala não mostra isso? Posso adiantar também que seu cachorro é maior que um *fox terrier* e menor que um mastim. — Sherlock Holmes soltou uma baforada do cachimbo. — Para finalizar, apresento-lhe o meu *Guia médico completo*... — Holmes levantou-se e tirou da estante um grosso volume, abrindo-o na página marcada. — Foi só dar uma olhada no guia para descobrir que Mortimer poderia ser o nosso homem... — Ele leu em voz alta:

— “Mortimer, James, MRCS, 1882, Grimpen, Dartmoor, Devon. Médico estagiário no centro cirúrgico, do período de 1882 até 1884. Com uma monografia em patologia comparada, venceu o prêmio Jackson. É membro correspondente da Sociedade Sueca de Patologia. É médico titular das paróquias de High Barrow, Thorsley e Grimpen.” Como vê, nenhuma palavra ao “clube de caça”, Watson — pude notar um quase sorriso nos lábios de Holmes. — Mas você acertou no “médico do interior”, não resta dúvida. Nosso doutor Mortimer é mesmo um médico sem grandes ambições, que deixou uma carreira promissora em Londres e partiu para o interior. É tão distraído que deixou a bengala em vez do seu cartão de visitas enquanto nos aguardava. Veja essas marcas no objeto; com certeza foram feitas pelo cachorro, que o leva nos dentes, acompanhando seu dono. — Holmes caminhou de novo até a janela, afastando levemente a cortina. — Posso até precisar a raça por causa do tamanho das dentadas. É um *cocker spaniel*, de pelo castanho e ondulado. Elementar, meu caro Watson. Elementar!

— Mas como tem tanta certeza disso? — Eu estava boquiaberto com a precisão de Holmes.

— Simplesmente pelo fato de que tanto o cachorro quanto o seu dono estão bem à nossa porta. — O detetive fechou a cortina.

Eu quis sair da sala para deixar que Holmes recebesse os visitantes a sós, mas ele pediu-me que ficasse. Explicou que,

como eu era colega de profissão de James Mortimer, minha presença poderia ser de grande utilidade.

— O que será que um médico quer com um detetive? — Holmes indagou-me e abriu a porta para os visitantes.

O doutor James Mortimer era um homem bem alto, magro, de nariz adunco. Os óculos de aros dourados não conseguiam esconder seus olhos cinzentos e brilhantes. Usava um jaleco branco por cima da roupa, um tanto desleixada. Era meio curvado, apesar de ainda jovem.

Logo que entrou na sala, olhou para as mãos de Holmes, que segurava sua bengala.

— Que bom que a deixei aqui. Não lembrava em que lugar a tinha esquecido!

— Um presente do... centro cirúrgico do hospital? — Holmes fez sinal para que Mortimer se sentasse.

— Isso mesmo. — Os olhos do doutor brilharam em razão do acerto do detetive. — Eu a recebi na época do meu casamento. Depois, deixei o hospital e abri meu próprio consultório.

— Não era o que eu esperava... — Holmes comentou.

— Como assim? — o médico quis saber.

— Acertei grande parte das minhas deduções... com exceção do seu casamento. — E Holmes finalmente apresentou-me ao visitante.

O doutor James Mortimer acomodou-se e, para o nosso espanto, elogiou o formato do crânio de Sherlock Holmes. Como estudioso no assunto, confessou jamais ter avistado uma caixa óssea tão bem desenvolvida. Em seguida, pediu ao detetive a permissão de olhá-lo mais de perto.

Demorou apenas um segundo para que Holmes disparasse outra de suas descobertas:

— Pela nicotina nos dedos, vejo que enrola seus próprios cigarros. Se quiser preparar um deles, fique à vontade — permitiu.

O homem tirou o fumo e o papel do bolso do casaco e, com incrível rapidez, enrolou um cigarro.